

PRIMEIROS PASSOS

Desafios e perspectivas do ensino de História na rede pública: um olhar a partir da experiência de estágio de observação

Challenges and Perspectives of Teaching History in Public Schools: Insights from an Observation Internship

Maria Rita Vieira Regasso (mariarita.vieira@uel.br)

Graduanda em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Milena Piscinato Piedade Rosa (milena.piscinato@uel.br)

Graduanda em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Fabiane Tais Muzardo (fabianemuzardo@uel.br)

Doutora em História. Docente Colaboradora da Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Resumo:

A partir da experiência de estágio de observação em sala de aula no Ensino Fundamental II, o presente artigo busca suscitar o debate de questões referentes ao ensino de História em um colégio da rede pública, localizado na cidade de Londrina-PR. Dentre as questões observadas, estão presentes aspectos relacionados à disposição espacial dos alunos em sala e a estrutura material do colégio; a relação interpessoal entre educador-educando; a utilização – ou a falta – de recursos didáticos diversos para a dinâmica de ensino; discussões acerca do rendimento escolar e o uso de aparelhos eletrônicos em aula. Logo, a presente reflexão, visando criar um ambiente escolar mais democrático e efetivo, irá, por meio de constatações da observação, levantar considerações sobre a maneira com que o ensino de História vem sendo formulado frente aos atuais desafios presentes no ensino da rede pública.

Palavras-Chave: Ensino de História; Estágio de observação; Rede pública; Perspectivas.

Abstract:

Based on the experience of an observation internship in middle school classrooms (Ensino Fundamental II), this article aims to spark a discussion about issues related to the teaching of History in a public school located in the city of Londrina, Paraná, Brazil. Among the observed aspects are spatial arrangement of students in the classroom and the school's material infrastructure; the interpersonal relationship between educator and student; the use – or lack – of diverse teaching resources to enhance classroom dynamics; discussions about academic performance and the use of electronic devices during lessons. Thus, this reflection seeks to create a more democratic and effective school environment by using observations to raise considerations about how History teaching is being shaped in light of the current challenges facing public education.

Keywords: History teaching; Observation internship; Public schools; Perspectives.

Introdução

O Estágio Supervisionado tem por objetivo geral possibilitar ao graduando a vivência de situações nos Ensinos Fundamental e Médio, ampliando, desse modo, sua visão sobre o ambiente escolar. Pode-se afirmar que o momento de observação se torna edificante tanto para a futura prática docente do aluno de cursos de licenciatura quanto para o ambiente escolar em que a observação é realizada, visto que as condições do olhar de início da experiência docente, assim como pontuado por Marisa Helena da Silva Farah (2010), é caracterizado por condições mais favoráveis à reflexão. Dessa forma, contrastando com a percepção de um professor mais experiente e, portanto, mais familiarizado com as dinâmicas cotidianas de sala de aula, o estagiário, com seu recente contato com as propostas e discussões pedagógicas, pode perceber com uma maior facilidade as dinâmicas e fenômenos educacionais durante o processo de ensino.

Maria Socorro Lucena Lima (2019) busca refletir sobre o papel fundamental do estágio de observação na formação docente, afirmando que esse contato possibilita ao estagiário a imersão no cotidiano escolar, como um ponto de partida para uma série de aprendizagens e reflexões. Nas palavras da autora:

A atenta observação pode abrir um leque de outras questões sobre o cotidiano escolar, no qual os estagiários aprendem a profissão docente e encontram elementos de sua identidade na interação e intervenção que lhes confirmam reconhecimento de sua presença naquele espaço; realizando as articulações pedagógicas possíveis que os tornam sempre estagiários de novas experiências e que os façam refletir sobre a escola enquanto espaço do fenômeno educativo. (Lima, 2009, p. 45).

Entende-se o estágio de observação, portanto, como um momento de extrema importância na formação docente, que proporciona aos estagiários a oportunidade de vivenciar a prática pedagógica, desenvolver suas habilidades e iniciar a construção de sua identidade profissional. Ao observar atentamente o cotidiano escolar, os estagiários podem compreender a complexidade do fenômeno educativo e desenvolver um olhar crítico sobre as práticas pedagógicas, preparando-se para atuar como agentes de transformação na educação.

No caso dos licenciandos em História, esse período de imersão no campo profissional contribui significativamente para a construção de sua identidade docente e para o desenvolvimento de competências necessárias ao exercício da profissão.

Posto isso, este artigo busca relatar a experiência de estágio de observação em um colégio da cidade de Londrina-PR, pontuando percepções em relação ao colégio e as atividades desenvolvidas em sala de aula pelos estudantes, a partir das perspectivas das

estagiárias. O estágio foi realizado em um colégio público localizado na região central de Londrina, que atende alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Durante o período de estágio, ocorrido no mês de novembro de 2024, acompanhamos uma turma de 8º ano do ensino fundamental II, com um total de 40 alunos, onde observamos as diferentes estratégias pedagógicas utilizadas pelo professor regente, as interações entre professor e alunos, e as atividades avaliativas realizadas.

Inicialmente, vale pontuar que, embora a referida sala de aula tivesse capacidade para acomodar todos os alunos, apresentava um desafio em relação à ventilação, especialmente para os estudantes posicionados nas carteiras mais distantes do único ventilador. Esse problema de conforto térmico pode ter influenciado, em alguns momentos, a atenção e o bem-estar dos alunos durante as aulas, questão que iremos abranger posteriormente. Para além desse ponto, foi perceptível diferentes níveis de atenção e participação dos alunos em diferentes momentos da aula de História, que podem estar associadas ao horário em que as atividades ocorriam.

Como aspecto positivo, analisamos que o professor demonstrou uma relação amistosa com a turma, numa relação de respeito mútuo. O professor demonstrava uma postura acolhedora e respeitosa, o que contribui para um ambiente de aprendizagem mais colaborativo. Como consequência positiva desta relação, notou-se a forma em que a realização da atividade referente a ação governamental *Se Liga!*¹ se desenvolveu em sala de aula. Apesar de certos problemas estruturais, como mapeamento de sala e utilização de celular, a turma, em sua maioria, demonstrou interesse pelas atividades propostas e cumpriu com as orientações do professor, com poucas ocorrências de comportamentos que prejudicassem o andamento das aulas.

A partir desses apontamentos iniciais, pretendemos, neste momento, nos atermos de maneira mais aprofundada às problemáticas apresentadas no decorrer do período de estágio de observação e a atividade produzida.

1. Atividade desenvolvida em sala de aula

Em uma das aulas observadas, o professor solicitou aos alunos a realização de uma atividade avaliativa, onde foram disponibilizados alguns trechos do livro, *Viagem pelo Brasil (1817 - 1820)*, escrito pelo zoólogo Johann Baptist von Spix (1781-1826); e pelo biólogo Carl

¹ Essa iniciativa da Secretaria de Estado da Educação (SEED-PR), criada no ano de 2019, tem como objetivo a possibilidade de desenvolver e aprimorar os conhecimentos essenciais dos estudantes que apresentem dificuldades em relação aos conteúdos referentes ao ano/série cursado.

Friedrich Philipp von Martius (1794 - 1868), durante o século XIX, sobre as viagens realizadas no território brasileiro. Os trechos apresentados descreviam a capital do Império, a cidade Rio de Janeiro oitocentista. Em razão disto, o professor apresentou uma imagem da cidade naquele período, para que os alunos pudessem associar a imagem aos textos lidos. No total, a atividade continha vinte trechos que abrangiam temáticas como: descrições da cidade, valorização do europeu como quem trouxe a civilização para a América e a diversidade de povos no Brasil. Durante o período da aula, os alunos demonstraram certa agilidade na leitura prévia e foram questionados pelo professor sobre as palavras cujo significado desconheciam. No momento de apresentação dos significados das palavras desconhecidas, o educador fazia analogias e exemplificações do presente. Essa metodologia de ensino, em um primeiro momento, pode facilitar a compreensão inicial, entretanto, não aprofunda o conhecimento histórico e linguístico dos alunos, de acordo com o contexto de produção da referida obra.

Figura 1 – Primeira página da atividade avaliativa desenvolvida em sala de aula.

Nome:				Nº:
1º Trimestre	8º Ano	Turma:	Valor: 10,0	Nota:
Texto 1 - A 15 de junho, na latitude 14°6'45", apareceu pela primeira vez a magnífica constelação do céu meridional, o Cruzeiro, que para o navegante é um sinal de paz, e, pela sua posição, também é indicador das horas da noite. Já desde muito tempo estávamos na expectativa dessa constelação para nosso guia ao outro hemisfério; indescritível foi, portanto, a nossa alegria, quando se fez visível no céu todo resplandecente. Por todos considerado signo de salvação, foi contemplado com emoção religiosa; porém, a alma regozijou-se particularmente no pensamento de que até a estas regiões, iluminadas pela bela constelação do significativo nome de Cruzeiro, o europeu trouxe a civilização cristã e científica, a verdadeira nobreza da humanidade e, incitado por elevados sentimentos, sempre mais e mais a procura espalhar até as terras mais remotas. Ao passo que o céu estrelado do Sul se elevou no nosso horizonte, o firmamento setentrional submergiu-se. Os que consideravam a Europa sua exclusiva pátria, apenas com melancólica saudade contemplavam a estrela polar desaparecendo cada vez mais, até finalmente sumir-se nas nevoas do horizonte. p.39				
Texto 2 - Na manhã seguinte, 15 de julho, fomos levados à terra, por entre a movimentada azáfama de navios europeus e de pequenos barcos equipados com negros e mestiços. Sobe-se por uma escada de granito ao belo cais, e alcança-se a vasta praça aberta, a principal da cidade, formada pela residência imperial e diversos edifícios particulares imponentes. Com muita dificuldade nos livramos da barulhenta turba de pretos e mulatos seminus que ofereciam seus serviços com a característica da grande insistência que lhes é peculiar. Passando por diversas ruas, direitas e retangulares, chegamos finalmente ao hotel italiano, então o único da capital do Brasil, onde achamos acolhimento para os primeiros dias. Ao cabo de alguns dias, alugamos uma pequena casa no arrabalde de Santana, que nos atraiu por sua posição elevada na encosta da colina e com vista sobre o promontório do Corcovado. Os nossos livros, instrumentos e bagagens foram para ali carregados às costas dos pretos. A Alfândega não impôs a menor dificuldade desde que soube termos vindo na fragata Áustria e sob o patrocínio de S.M. o imperador da Áustria. p.47				
Texto 3 - Quem chega convencido de encontrar esta parte do mundo descoberta só desde três séculos, com a natureza inteiramente rude, violenta e invicta, poder-se-ia julgar, ao menos aqui na capital do Brasil, fora dela; tanto fez a influência da civilização e cultura da velha e educada Europa para remover deste ponto da colônia os característicos da selvajaria americana, e dar-lhe cunho de civilização avançada. Língua, costumes, arquitetura e afluxo dos produtos da indústria de todas as partes do mundo dão à praça do Rio de Janeiro aspecto europeu. O que, entretanto, logo lembra ao viajante que ele se acha num estranho continente do mundo, e sobretudo a turba variegada de negros e mulatos, a classe operária com que ele topa por toda parte, assim que põe o pé em terra. Esse aspecto foi-nos mais de surpresa do que de agrado. A natureza inferior, bruta, desses homens importunos, seminus, fere a sensibilidade do europeu que acaba de deixar os costumes delicados e as fórmulas obsequiosas da sua pátria. p.48-49				
Texto 4 - Na maioria, as ruas são calçadas com granito e têm passeios; são, entretanto, iluminadas muito escassamente e somente algumas horas da noite, com lanternas colocadas junto das imagens de Nossa Senhora. Dá prazer à vista, depois da regularidade das ruas, encontrar várias praças abertas, como as do Paço Real, do Teatro, do Passeio Público ou a do Campo de Santana. Nas colinas, ao longo da margem nordeste, erguem-se, em parte, grandes prédios e especialmente apresentam magnífico aspecto, sobretudo vistos do mar, o antigo colégio dos jesuítas, o convento dos beneditinos, no outeiro a nordeste, depois o palácio do bispo e o forte da Conceição. p.50				
Texto 5 - A residência dos antigos vice-reis, que, com a vinda da corte de Lisboa, fora aumentada com o claustro das carmelitas e preparada para a família real, está na planície fronteira ao cais acima mencionado. Este edifício não foi de todo construído no estilo dos palácios europeus e sua aparência exterior não condiz com a grandeza do monarca de um reino tão promissor e florescente. As construções do Rio são, em geral, de feição mesquinha e semelhantes às da parte velha de Lisboa. Entretanto, parece que a arquitetura, cujas obras são de tão imediata necessidade para a vida, também se aperfeiçoara aqui mais depressa do que as outras artes. A presença da corte já vai começando a influir favoravelmente no gosto arquitetônico. p.50				

Fonte: autoras (2025).

De acordo com Jörn Rüsen (2021), a História, enquanto ciência, desempenha um papel crucial na nossa compreensão do mundo, atuando como uma ponte entre o passado e o presente, não apenas fornecendo informações sobre eventos e acontecimentos passados, mas também equipando os sujeitos com as ferramentas necessárias para interpretar e compreender as mudanças que moldaram a sociedade humana ao longo do tempo. Segundo Rüsen:

Nessa interação entre presente e passado, a ciência da História tem uma posição destacada. Ela fornece o saber histórico necessário à interpretação e à compreensão das mudanças temporais do mundo humano. [...] Com seu formato especializado, como ciência, a História aporta elementos e fatores específicos à cultura histórica de seu tempo: crítica e método. Ambos servem à consolidação do poder de

convencimento do saber histórico. A ciência transforma saberes em conhecimento. (Rüsen, 2021, p. 18).

A formação da consciência histórica, processo mediado pelo educador, envolve a análise de fontes históricas, as quais, por muitas vezes, são textos antigos, nos quais o vocabulário e as expressões podem ser desconhecidos para os alunos. Nesse contexto, a questão da contextualização histórica e cultural das palavras assume papel importante para a construção de uma aprendizagem significativa. As palavras, ao serem utilizadas em um determinado contexto histórico, carregam uma série de conotações e significados que podem variar ao longo do tempo. Realizar uma simples apresentação de analogias e exemplos contemporâneos, embora possa facilitar a compreensão inicial, limita a capacidade dos estudantes de aprender as nuances de significado e as implicações históricas e culturais presentes no texto original. Ao contextualizar as palavras, espera-se que o aluno compreenda o sentido que elas tinham para os indivíduos que as produziram naquele determinado período histórico.

Consequentemente, a ausência de contextualização dificulta o estabelecimento, pelo aluno, de conexões entre o passado e o presente, limitando sua capacidade de analisar criticamente as mudanças e permanências ao longo do tempo, aspecto fundamental para a formação da consciência histórica, como pontuado anteriormente (Rüsen, 2021).

120

2. O uso de recursos didáticos e o turno de rendimento escolar

Ao longo do período de estágio, foi também tópico de observação questões tangentes ao rendimento da atividade em relação a aspectos como a quantidade de aulas para a realização da atividade, horários das aulas e os diferentes interesses apresentados pelos alunos na pesquisa em relação a tais questões.

É importante frisar que a proposta de atividade foi realizada em um conjunto de aulas, nas quais, por meio da dinâmica conjunta de leitura e interpretação de vinte fragmentos da obra de Spix e Martius (2017), avaliou-se concomitantemente o desempenho dos estudantes no *Se Liga!*. Sendo uma iniciativa que, de acordo com a Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná (SEED/PR), concede às instituições de ensino certa autonomia para o desenvolvimento destas atividades pedagógicas, o professor responsável pela disciplina de História, acompanhado pelas estagiárias nessa ocasião, optou por reservar quatro semanas das aulas de História para a realização da referida atividade.

Um aspecto relevante que pode ser apontado a partir da observação refere-se ao formato em que a atividade foi aplicada pelo professor em sala de aula. Vale ressaltar que o

referido programa, de acordo com Rayza Lorryne Barbosa (2024), desde a sua implementação em 2019, acabou por ser muito associado – principalmente por parte dos alunos –, a uma simples atividade que possibilitaria o *passar de ano*. Nesse sentido, o modo como a atividade foi conduzida pelo docente, mesmo que não tenha sido feita em relação a retomada de conteúdo que abrangesse todo o arcabouço dos temas históricos retratados ao longo do ano, mostrou-se muito efetiva. A atividade foi realizada em uma dinâmica de leitura e interpretação conjunta, que fez com que todos da sala participassem da execução do processo de recuperação de aprendizagem, e não apenas os alunos com demandas relacionadas à recuperação de notas. Assim, a tarefa tornou-se muito proveitosa, tornando-se uma oportunidade real de aprendizagem conjunta, e não apenas uma ação focada exclusivamente na aprovação.

Ademais, se tal observação não nos possibilita questionar sobre toda a dimensão e eficácia de ações governamentais como o *Se Liga!*, ao menos podemos, a partir dela, levantar reflexões sobre os atuais moldes em que essa iniciativa se estrutura. Considerando que a proposta foi bem recebida pelos alunos quando abordada de maneira conjunta e com recorte temático – que possibilitou um melhor aprofundamento e aproveitamento do conteúdo –, somos levados a refletir sobre a atual conjuntura dessa ação governamental. Seria possível que atividades comprometidas a abarcar o conteúdo de todo o ano letivo consigam, de fato, realizar uma ação que restabeleça o contato do aluno com o conteúdo – que, mesmo resumido e recortado, já seria gigantesco – ou isso apenas o afastaria de qualquer vínculo significativo com o aprendizado, reforçando a noção da atividade como mero instrumento para *passar de ano*? Questões como essas, sem respostas únicas e muito menos definitivas, devido à grande complexidade das variáveis que permeiam a prática pedagógica e o ensino de História, são essenciais para que o processo de ensino passe por uma autocrítica capaz de melhor estruturar abordagens e projetos que realmente estabeleçam um maior comprometimento com a relação aluno-aprendizagem, transcendendo assim uma prática de ensino mecanicista que, como Paulo Freire (1996) já pontuava, é tão caro à educação.

É notório que a motivação do aluno é um fator fundamental para que sua participação ocorra de forma genuína, com um real interesse e envolvimento em relação ao conteúdo aprendido. Dessa forma, utilizar-se de recursos didáticos diversificados e relacionar a temática com interesses dos educandos e suas realidades, constituem importantes aspectos para a promoção de uma aprendizagem significativa (Rosário, 2002). Diante disso, ainda no âmbito da discussão sobre o modo e formato da atividade abordada, aspectos como a quantidade de

aulas dedicadas à atividade e sua metodologia, aplicada de forma isolada sem suporte de demais recursos, foram motivos de preocupação.

Torna-se válido pontuar que, embora o tempo do estágio de observação não tenha permitido presenciar a aplicação da atividade ao longo de todo o mês, a repetição da mesma tarefa e metodologia de ensino – leitura e interpretação de texto – já era recebida como enfadonha pelos alunos após o término da observação, que se deu aproximadamente no terceiro dia da aplicação da atividade. Além da reincidência do mesmo procedimento didático, foi também perceptível a mudança do interesse dos alunos sobre a atividade em relação aos diferentes horários em que ela ocorreu. Durante os dias em que a atividade foi realizada nas aulas entre o intervalo – terceira e quarta aulas –, pode ser notado uma maior agitação e participação dos alunos, enquanto durante a realização do exercício nos últimos horários da tarde letiva – quinta e sexta aulas – a sala permanecia mais quieta e, embora houvesse algumas participações de alunos, foram em menor quantidade.

É indiscutível que o impacto cognitivo vivenciado por adolescentes em diferentes momentos ao longo das 24 horas do dia está também muito relacionado a questões e dinâmicas socioambientais – tanto do ambiente escolar, como familiar – que não são experienciadas de forma homogênea por toda a classe. Todavia, nos atentarmos a como a variação do desempenho intelectual se dá ao longo do período letivo estudantil pode ser valioso à educação, visto que, “respeitar as características temporais dos alunos poderá trazer benefícios para a educação formal nas escolas” (Finimundi; Rico; Junqueira; Souza, 2013, p. 7).

Nesse sentido, é possível concluir, a partir de uma análise crítico-construtiva do momento de observação, que o desenvolvimento da aprendizagem se torna mais proveitoso quando são priorizadas atividades que valorizam a participação e o interesse do aluno, e que considerem, também, os ritmos e horários cognitivos do estudante para o planejamento e utilização de recursos didáticos que melhor se adequem às demandas destes. Para isso, é essencial considerar não apenas uma única forma de interação aluno-conteúdo, mas adotar metodologias e recursos diversificados que possibilitem a contínua estimulação do senso de aprendizagem e do interesse dos alunos.

3. O uso e as implicações do mapeamento em sala de aula

O mapeamento de sala de aula é um tópico sensível e constantemente presente nas salas de aula das escolas públicas. O mapeamento estabelece a organização das carteiras em sala de aula e o local em que cada aluno deve se sentar. Esse aspecto não foi diferente nas aulas de História observadas, nas quais a organização dos alunos e suas respectivas disposições na turma foram objeto de intensa análise. A possível existência de um mapeamento de sala foi motivo de questionamento logo no início do estágio, e confirmada como uma prática adotada na classe em que a observação ocorreu. A partir dessa informação, foi possível analisar como a disposição dos alunos na sala influenciava seus comportamentos e o interesse demonstrado durante as aulas.

Um primeiro ponto analisado ocorreu pela percepção da relação entre lugar e atenção dos alunos. Observou-se que alunos que se sentavam ao fundo da sala interagiam menos com as atividades propostas do que aqueles que estavam na frente. Além disso, foi observado em todas as aulas que, entre os alunos que se encontravam ao fundo da sala, frequentemente havia alguém dormindo ou usando o celular de forma disfarçada. Apesar de, de modo geral, o interesse da turma pelos conteúdos históricos aprendidos ser perceptível, era notável que alunos que se encontravam nas primeiras carteiras tinham sempre uma maior atenção às falas do professor, e, conseqüentemente, levantavam a maior parte dos questionamentos. Nesse sentido, ao longo do estágio surgiram indagações como: Seria a atenção e interesse do aluno apenas resultado de uma maior vigilância? A estruturação do mapeamento de sala possibilitaria um contato genuíno do aluno com o conhecimento, instigando sua formação como sujeito histórico? Ou essa prática apenas garantiria a atenção e o aprendizado como consequência de uma estruturação espacial de controle visual?

Para um melhor aprofundamento das questões levantadas, podemos recorrer às discussões sobre micropoder, de Michel Foucault (2001). Conforme apontado por Paniago (2005), quando pensamos no micropoder descrito pelo filósofo francês, devemos lembrar que suas relações não se fazem estritamente ao nível da violência, assim como não se limitam a esferas repressivas. Pelo contrário, o poder é frequentemente utilizado para o adestramento do sujeito, tornando-o dócil e útil para o meio social. Assim, o corpo do sujeito passa a estar submetido a métodos de controle. Segundo Paniago:

O método preocupa-se inicialmente com a distribuição dos indivíduos no espaço. Além das cercas a fechar conventos, escolas, hospitais, surge então o que Foucault denomina de quadriculamento, que tem como principal objetivo evitar que os indivíduos formem grupos desordenados e perigosos. (Paniago, 2005, p. 7).

Podemos então, a partir da reflexão acima sobre poder e controle, pensar as problemáticas do mapeamento de sala – como o maior controle sobre os comportamentos estudantis – não apenas como uma prática repressiva ou ruim por si só. Longe disso, é evidente que a prática do mapeamento traz benefícios, como a redução de conversas excessivas entre amigos (frequentemente separados), e a realocação de alunos menos participativos para posições mais próximas ao professor, com o objetivo de inseri-los nas discussões. Todavia, ainda que existam considerações positivas sobre o uso dessa prática, devemos também lembrar que a construção de sua utilidade parte de uma noção sócio-cultural de ordem e organização do espaço que delimita e homogeneiza as possibilidades de interação entre os estudantes sob a premissa de realização de um ensino mais *produtivo* (noção que por si só já é construída socialmente).

Desta forma, a intenção de problematizar o controle e o poder exercido por meio dessa prática, longe de condená-la, é propiciar um olhar mais crítico sobre o mapeamento, o qual parte de uma premissa de ordem, tanto em relação a forma que o aprendizado deve ocorrer, quanto ao comportamento esperado dos alunos para que o aprendizado siga os padrões socialmente considerados *corretos*. Assim, torna-se possível pensarmos se é realmente ruim que os alunos estejam próximo de seus colegas e se comuniquem entre si, e se essas interações realmente impactam negativamente uma aula em que a relação aluno-conteúdo não fosse apenas de absorção passiva da matéria, mas sim uma interação genuína de interesse mútuo e não mecanicista.

Longe de oferecer respostas definitivas às questões levantadas – dado às camadas de complexidade que constituem a dinâmica de uma sala de aula –, este trabalho reflete sobre como as possibilidades de ensino podem transcender métodos tradicionais como a única maneira de ensino. O mapeamento de sala, embora tenha limitações, não apresenta apenas aspectos negativos, nem constitui a única relação de poder existente no ambiente escolar. Contudo, como argumenta Paniago (2005, p. 10), “o louco não é anterior ao hospício, e sim o hospício que produz o louco como doente mental, individualizado a partir de relações de poder e saber tão bem analisadas na História da Loucura”. De maneira análoga, o aluno não é previamente *disperso, bagunceiro ou tagarela*. Essas características emergem dentro de um contexto que reflete uma ordem sociocultural específica, a qual estabelece seus próprios parâmetros para uma aprendizagem ideologicamente definida como *correta*.

4. Utilização do celular pelos alunos

A permissão do professor para utilização de celulares por parte dos alunos para concluir a atividade avaliativa revelou-se uma estratégia pedagógica eficaz, e, por esse motivo, nos despertou atenção. Ressalta-se que o período do estágio de observação ocorreu no final do ano de 2024, anteriormente à sanção da Lei nº 15.100/2025, que proibiu, “uso, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais durante a aula, o recreio ou intervalo entre as aulas, para todas as etapas da educação básica” (Brasil, 2025). Entretanto, a proibição não se aplica ao uso pedagógico desses dispositivos.

A utilização do celular como recurso didático em sala de aula é um debate da atualidade, tanto pela comunidade escolar como pela sociedade, visto que vivemos em uma era da tecnologia. A crescente popularização desses dispositivos e a sua integração ao cotidiano das pessoas, inclusive dos estudantes, tornam essa discussão extremamente relevante para repensar as práticas pedagógicas e os ambientes de aprendizagem. Priscila Almeida Lopes e Cintia Cerqueira Cunha Pimenta (2017) analisam a integração de smartphones no ambiente escolar, explorando tanto os benefícios quanto os desafios dessa prática. As autoras defendem que os celulares, quando utilizados de forma pedagógica, podem transformar as aulas em espaços mais interativos e colaborativos, permitindo que os alunos explorem conteúdos de forma autônoma e aprofundem seus conhecimentos.

125

No entanto, as autoras também alertam para os riscos do uso indiscriminado dos celulares, como a distração, a falta de foco e a exposição a conteúdos inapropriados:

O mau uso do celular pelo aluno pode ocorrer, sobretudo, quando não há um prévio e necessário trabalho interdisciplinar de conscientização dos valores éticos e morais para ajudá-lo a compreender as sérias consequências que podem ser geradas a partir do mau uso, fazendo-se referência aos casos popularmente conhecidos que, inclusive, fizeram gerar uma lei para tipificação criminal de delitos informáticos. (Lopes; Pimenta, 2017, p. 60).

Para minimizar esses desafios, as autoras sugerem que os professores estabeleçam normas claras para o uso dos celulares em sala de aula, promovam atividades que explorem o potencial pedagógico desses dispositivos e ofereçam aos alunos orientações sobre o uso responsável da tecnologia. Segundo as autoras:

o celular pode ser usado como recurso didático na escola, desde que conste no projeto político pedagógico e planejamento de aula do professor, inclusive para que o corpo docente, as famílias e a escola comuniquem-se e promovam um trabalho colaborativo. (Lopes; Pimenta, 2017, p.60).

Diante desse cenário, é fundamental que a escola encare o celular não como um vilão, mas como uma ferramenta que, quando utilizada de forma consciente e pedagógica, pode enriquecer significativamente o processo de ensino-aprendizagem. Ao integrar os dispositivos

móveis ao currículo escolar, os professores podem promover uma educação mais dinâmica, conectada à realidade dos alunos e que os prepare para os desafios do século XXI. No entanto, é preciso ter em mente que o sucesso dessa integração depende de um planejamento cuidadoso, da formação contínua dos docentes e do diálogo constante entre escola, família e comunidade.

Considerações finais

Sabendo que a formação docente integra atividades de pesquisa, ensino e extensão, as quais são igualmente importantes, podemos afirmar que o estágio de observação tornou possível um novo olhar crítico sobre as práticas pedagógicas e as questões relacionadas ao ensino de História.

A imersão no ambiente escolar por meio do estágio proporcionou uma oportunidade de aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos durante a graduação. As observações realizadas permitiram-nos identificar, de forma concreta, pontos assertivos e aspectos a serem desenvolvidos em relação às práticas pedagógicas, corroborando as discussões teóricas abordadas em nossa formação. Além disso, também se notou a necessidade de maior flexibilidade na organização do tempo e de um acompanhamento mais individualizado dos alunos, em razão das situações vivenciadas.

Ademais, ao acompanhar a dinâmica da sala de aula, pode-se compreender a complexidade do processo de ensino-aprendizagem e a importância de adaptar as teorias às realidades específicas de cada contexto escolar. Sob esta perspectiva, para além da possibilidade de vivenciar o ambiente escolar e toda a infraestrutura que o compõem, o estágio de observação trouxe importantes contribuições para a formação de um futuro profissional que tenha como compromisso a busca por uma educação que entenda e considere a realidade cultural, social e econômica dos estudantes tanto no momento de planejamento como na aplicação do ensino.

Conclui-se então que a experiência de estágio permitiu o conhecimento prático dos temas teóricos abordados em meio a formação acadêmica do futuro licenciado em História. Destarte, torna-se nítido como o ensino e a pesquisa são processos interligados que, quando realizados em conjunto, reafirmam o compromisso da educação com uma dialética crítica-reflexiva, em que, como já pontuado por Lima (2009), a teoria ilumina a prática na mesma medida em que a prática a faz com a teoria.

Referências

Barbosa, Rayza Lorryne. *Se Liga! Aplicações e implicações*. In: Estagiar, 2024, Londrina. 6, Londrina. Anais do 6º ESTAGIAR. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2024. [...] Universidade Estadual de Londrina, 2024, v. 1, n. 6, p. 238-245. Disponível em: <https://anais.uel.br/portal/index.php/estagiar>. Acesso em: 27 jan. 2025.

Brasil. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. *1º Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 14 jan. 2025. Seção 1.

Farah, Marisa Helena Silva. O corpo na escola: mapeamentos necessários. *Revista eletrônica Paidéia*, v. 20, n. 47, p. 101-410, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/Y98v8N8Q3TjdwMpMf3bXSNB/>. Acesso em: 17 jan 2025.

Freire, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Finimundi, Márcia; Rico, Eduardo Pacheco; Junqueira, Heloisa; Souza, Diogo Onofre. Correlação entre ritmo circadiano, turno escolar e rendimento escolar de estudantes de 11 a 17 anos de idade em escolas de ensino fundamental e médio. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 12, n. 2, p. 362-371, 2013. Disponível em: http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen12/REEC_12_2_8_ex702.pdf. Acesso em: 27 jan. 2025.

127

Foucault, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

Lima, Maria Socorro Lucena. O estágio nos cursos de licenciatura e a metáfora da árvore. *Revista eletrônica pesquiseduca*, v. 1, n. 01, p. 45-48, 2009. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/44>. Acesso em: 14 jan 2025.

Lopes, Priscila Almeida; Pimenta, Cintia Cerqueira Cunha. O uso do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica: Benefícios e desafios. *Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica*, Recife, v. 3, n. 1, p. 52-66, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernoscap/article/download/229430/28802>. Acesso em: 16 jan. 2025.

Paniago, Maria Lourdes Faria. Vigiar e Punir na Escola: a microfísica do poder. *Itinerarius Reflectionis*, Jataí-GO, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/20400>. Acesso em: 19 jan. 2025.

Paraná, Secretaria Estadual de Educação do Estado do. *Se Liga! Secretaria da Educação*. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/Programa-Se-Liga>. Acesso em: 27 jan. 2025.

Rosário, P. *Estórias sobre o estudar, histórias para estudar*. Narrativas auto-regulatórias na sala de aula. Porto: Porto Editora, 2002.

Rüsen, Jörn. Consciência histórica como tema da Didática de História. *Métis: História & Cultura*, [S. l.], v. 19, n. 38, 2021. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/9985>. Acesso em: 15 jan. 2025.

Spix, Johann Baptist Von; Martius, Friedrich Philipp Von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Brasília: Senado Federal: Conselho Editorial, 2017. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/573991>. Acesso em: 27 jan. 2025.

Primeiros Passos

Recebido em: 28 jan. 2025.

Aprovado em: 04 mar. 2025.